

IDENTIDADE NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

IDENTITY IN LANGUAGE LEARNING

Desirée de Almeida OLIVEIRA¹

NORTON, Bonny. *Identity and language learning: extending the conversation*. 2.ed. rev. e aum. Bristol: Multilingual Matters, 2013. 216 p.

O livro *Identity and language learning: extending the conversation* (2013) constitui uma obra seminal em Linguística Aplicada, fruto das pesquisas de Bonny Norton, professora e pesquisadora da Universidade de British Columbia, Canadá. Assim como o subtítulo indica, o propósito da obra é ampliar o diálogo iniciado com a publicação de *Identity and language learning* (2000). Embora o objetivo da autora não tenha sido o de reescrever o livro, a nova edição contém o acréscimo de uma extensa introdução na qual se detalha e atualiza a literatura sobre identidade e aprendizagem de línguas após mais de uma década de intensas pesquisas. Além disso, também há a adição de um posfácio, deveras abrangente e perspicaz, escrito pela renomada linguista Claire Kramersch.

Norton nos traz o relato pormenorizado de seu revolucionário estudo com cinco mulheres imigrantes aprendizes de inglês no Canadá. O objetivo da investigação é compreender de que maneira a identidade e as relações assimétricas de poder interferem nas oportunidades de os aprendizes praticarem a língua fora do ambiente da sala de aula. Nesse sentido, o paradoxo observado é que as cinco mulheres, embora altamente motivadas, não conseguiam acesso à comunidade de falantes de inglês justamente por ainda estarem em fase de aprendizagem ou por se sentirem marginalizadas. Tal constatação do estudo abriu precedente para certo questionamento do construto motivação e para a criação do construto *investment* a fim de complementar o primeiro.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo POSLIN/Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. E-mail: desiree_oliveira@outlook.com. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em outras palavras, determinado aprendiz pode ter alta motivação para aprender uma língua, mas baixo *investment* devido à influência de fatores oriundos do contexto social.

A obra está organizada em sete capítulos. No primeiro, “Fact and fiction in language learning”, a autora tece a argumentação de que para se compreender o processo de aprendizagem de línguas é necessário que também se compreenda como questões de identidade e relações assimétricas de poder entre interlocutores no mundo social – baseadas, por exemplo, em gênero, etnia e classe social – influenciam tal aprendizagem. Esse capítulo também conduz a uma (re)leitura de diversas teorias de aquisição de línguas e introduz o conceito de *investment*.

Enquanto no primeiro capítulo Norton ilustra seus argumentos por meio da história fictícia da personagem Saliha, nos capítulos subsequentes ela nos envolve com a narração das histórias reais das cinco participantes de seu estudo: Eva, Mai, Katarina, Martina e Felicia. Com articulação magistral, a autora convida os profissionais da área de ensino de línguas a repensarem o que constitui um bom aprendiz, uma vez que as variáveis identidade e poder, ambas em constante interação no mundo social, limitam o controle do aprendiz sobre a sua própria aprendizagem.

O capítulo 2, “Research identity and language learning”, trata dos aspectos metodológicos referentes à pesquisa. O grande mérito da metodologia empregada reside no seu caráter longitudinal, o que a diferencia da utilizada em estudos precursores que se limitavam à coleta de relatos de aprendizagem breves e descontextualizados. Visto que o estudo teve duração de dois anos, os dados coletados são mais ricos em informação e permitem observar como a identidade e as experiências de aprendizagem das participantes se modificaram no decorrer dele.

Ainda no capítulo em questão, Norton discorre sobre a influência que as teorias de pesquisadores de cultura, feminismo e etnografia crítica exerceram na maneira como seu estudo foi estruturado. Em seguida são delineadas as seguintes perguntas de pesquisa: (i) “Uma vez que a interação com falantes da língua-alvo é uma condição desejável para a aquisição da segunda língua por adultos, que oportunidades de interação existem fora da sala de aula?; (ii) Como essa interação é socialmente estruturada?; (iii) Como os aprendizes agem em relação a essas estruturas a fim de criar, usar ou resistir às oportunidades de falar? (iv) Até que ponto as ações dos aprendizes podem ser compreendidas em relação ao *investment* destes na língua-alvo e à mudança de suas identidades através do tempo e do espaço?” (tradução nossa, p. 60).

Por último, a autora examina a complexidade intrínseca à relação entre pesquisador e pesquisado, uma vez que ao longo do estudo teve dificuldades para equilibrar os três papéis que exercia simultaneamente: o de amiga, professora e pesquisadora.

No capítulo 3, “The world of adult immigrant language learners”, a autora faz a apreciação de alguns estudos europeus, americanos e canadenses precursores no campo das pesquisas sobre identidade e aprendizagem de línguas por adultos imigrantes. A revisão da literatura situa o leitor no âmbito das pesquisas de viés semelhante e os provê de uma rica referência de estudos na área. Contudo, Norton salienta que, embora eles façam uma significativa contribuição, todos carecem das vozes dos próprios aprendizes. Nesse sentido, a obra examinada preenche uma importante lacuna na referida área de investigação. O capítulo prossegue com uma introdução biográfica sobre as cinco mulheres participantes, na qual já se torna evidente a influência que a identidade dessas, enquanto mulheres e imigrantes, exerceu no processo de aprendizagem da língua inglesa.

No capítulo 4, “Eva and Mai: old heads on young shoulders”, o leitor se familiariza mais a fundo com a história de aprendizagem das duas participantes mais jovens: Eva, da Polônia, e Mai, do Vietnã. Ao ler os relatos de aprendizagem, é difícil não sentir empatia pelas duas mulheres e não se inquietar pelo fato de quanto questões de identidade e relações assimétricas de poder afetam a aprendizagem de língua. As dificuldades e desafios das participantes para construir uma rede de contatos com falantes da língua-alvo, bem como para se sentirem integradas e valorizadas pela comunidade são narradas de maneira transparente e analisadas de forma penetrante.

No capítulo 5, “Mothers, migration, and language learning”, a atenção se volta para as experiências de aprendizagem das três participantes mais velhas, as quais também compartilham a identidade de esposas e mães. Verifica-se, portanto, a influência da maternidade no *investment* para a aprendizagem da língua-alvo. Para Katarina, da Polônia, a língua inglesa representa uma ameaça ao seu relacionamento com a filha de seis anos, pois a mãe teme que a menina perca a fluência no polonês. Já para Martina, da Tchecoslováquia, o inglês representa o meio pelo qual ela pode suprir as necessidades dos filhos, uma vez que o marido tem dificuldades em fazê-lo. A peruana Felicia, ao contrário, não sente a necessidade tão urgente de aprender a língua porque a qualidade de vida da família não depende disso. Ademais, o *investment* da participante é altamente influenciado pela validação ou não de sua identidade como peruana rica por parte de seus

interlocutores. De forma semelhante, Katarina busca a validação de sua identidade como pessoa profissionalmente qualificada.

O capítulo 6, “Second language theory revisited”, argumenta convincentemente sobre a necessidade de incorporação das noções de identidade e poder às teorias de aquisição de segunda língua. Noções que, se ignoradas, dificultam a compreensão do processo de aquisição. Defende-se, por exemplo, que um ambiente de imersão não é garantia de boas oportunidades de interação para a prática da língua-alvo, uma vez que ele é frequentemente hostil devido a relações assimétricas de poder entre o aprendiz e o falante da língua-alvo. Além disso, suposições do modelo de aculturação, ainda muito utilizadas para explicar a diferença entre aprendizes de sucesso e aprendizes com menos êxito, também são desconstruídas.

O capítulo 7, “Claiming the right to speak in classrooms and communities”, traz implicações para o trabalho pedagógico. Norton argumenta que em virtude da aprendizagem de língua por adultos em contexto de imersão e imigração apresentar seus próprios desafios e particularidades, os professores devem se inteirar deles a fim de adaptarem o ensino às necessidades com as quais os alunos se deparam fora da sala de aula. No entanto, embora a autora dê alguns exemplos de como essa adaptação pode ser feita – com a utilização de diários, por exemplo –, os detalhes da implementação ficam pouco claros.

Após a apreciação atenta da obra, é inegável a sua importância como marco teórico nas pesquisas sobre a relação entre identidade e aprendizagem de línguas. Certamente, o livro permanecerá como referência no rol dos clássicos em Linguística Aplicada. Por essas razões, *Identity and language learning: extending the conversation* merece a leitura de pesquisadores e professores das áreas de ensino e aquisição de línguas, quer esses profissionais atuem ou não em contexto de imersão.